



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12925 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“EU APANHAVA DELE, LEVAVA SOCO NA CARA”: ALUNAS DA EJA DE MANAUS/AM E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Débora Napoleão de Sena - Fundação Universidade do Amazonas - PPGE da UFAM

Márcio de Oliveira - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Máximo Soares de Sena - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/FAPEAM

“EU APANHAVA DELE, LEVAVA SOCO NA CARA”: ALUNAS DA EJA DE MANAUS/AM E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Resumo: O presente artigo objetiva compreender as representações sociais das estudantes da Educação de Jovens, Adultos/as e Idosos/as do município de Manaus/AM em relação à violência contra as mulheres, enfatizando a superação e o protagonismo das vítimas diante deste fenômeno social. Para tanto, optou-se pela abordagem qualitativa, com procedimento de coleta de dados do tipo bibliográfico, documental e de campo. Como instrumentos utilizou-se o questionário fechado junto à uma população de 127 (cento e vinte e sete) participantes e a entrevista semiestrutura, realizada com 31 (trinta e uma) estudantes de 6 (seis) unidades escolares da Rede Pública Municipal de Ensino de Manaus/AM. Os resultados apontaram que a violência contra as mulheres está atrelada à dimensão simbólica presente nas relações de poder, onde o controle e o medo caminham cotidianamente com as estudantes de EJA. Todavia, 32% das vítimas, com o apoio de familiares e amigos/as, conseguiram denunciar seus agressores tornando-se protagonistas de suas vidas.

Palavras-chave: Representações sociais, Violência contra mulher, EJA.

Introdução

O cenário de violência ultrapassa barreiras geográficas, limites territoriais e classes

sociais, atingindo todos os estados brasileiros, inclusive o Amazonas, localizado na região Norte do país. No ano de 2021, o estado apresentou taxas de homicídios de 5,2% e de feminicídio em torno de 1,1% para cada 100 mil mulheres. Cabe ressaltar que, a capital Manaus possui maior concentração de casos de violência contra a mulher. As estatísticas disponibilizadas pela Secretaria de Segurança Pública do Amazonas – SSP/AM ilustram este cenário, no período de janeiro a outubro de 2021 foram notificados 599 casos de estupro, sendo 487 ocorrências na capital Manaus e 112 no interior. Em se tratando de violência doméstica foram registradas 19.779 ocorrências, destas lideram o *ranking* as ameaças com 5.337 notificações (AMAZONAS, 2023).

A partir deste contexto, marcado por dor, sofrimento, medo, raiva e angústia, nasce esta pesquisa, com o desafio de quebrar paradigmas em relação à violência contra mulher, bem como refletir como as estudantes da EJA, vítimas de violência doméstica, se comportam diante deste fenômeno, resultado das relações de poder estabelecidas em seu cotidiano.

Desta forma, o presente manuscrito tem por objetivo geral compreender as representações sociais das estudantes da Educação de Jovens, Adultos/as e Idosos/as do município de Manaus/AM em relação à violência contra a mulher, enfatizando a superação e o protagonismo das vítimas diante deste fenômeno social. Partindo das seguintes perguntas norteadoras: Quais as representações sociais das estudantes da Educação de Jovens, Adultos/as e Idosos/as do município de Manaus/AM, em relação à violência contra a mulher? Como as estudantes da EJA tornaram-se protagonistas na superação deste fenômeno social?

Para responder ao objetivo principal e às perguntas norteadoras, traçou-se como objetivos específicos: a) Discutir a violência contra a mulher na perspectiva de gênero; b) Identificar o perfil das estudantes da EJA, vítimas de violência doméstica no município de Manaus/AM; c) Refletir sobre as representações sociais das estudantes da EJA em relação à violência contra a mulher e o protagonismo das vítimas diante deste fenômeno social.

Quanto a abordagem teórica, este manuscrito utiliza-se da pesquisa qualitativa, por trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, das estudantes de EJA da Rede Pública Municipal de Ensino de Manaus/AM (MINAYO, 2001). Como procedimento de coleta de dados emprega-se as pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Ressalta-se que na pesquisa de campo, os instrumentos utilizados foram as entrevistas e o questionário fechado. Para manter o anonimato das estudantes, o nome das entrevistadas foi substituído por nomes científicos de fungos e plantas da Amazônia. É oportuno destacar, que as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, aceitando participar desta pesquisa.

Em relação à fundamentação teórica, este artigo dialoga com autores/as como: Louro (2014), Balbinotti (2018), Cheim (2019), dentre outros/as. E conta com o suporte metodológico de Minayo (2001).

A violência contra a mulher na perspectiva de gênero

A violência contra as mulheres produz-se e reproduz-se nas relações de poder onde entrelaçam as categorias de gênero, classe e raça. Expressando uma forma particular de violência global mediatizada pela ordem patriarcal, a qual delega aos homens o direito de dominar e controlar suas mulheres, nem que para isso, utilizem a violência.

Para Louro (2014), as diferenças e desigualdades são instituídas e nomeadas no interior das redes de poder. É oportuno destacar que a violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é a rotinização, o que contribui, tremendamente para a codependência e o estabelecimento da relação fixada. Nesta perspectiva, o patriarcado ao estabelecer relações de poder e hierarquia entre os gêneros, impõe às mulheres a condição de submissão a um círculo vicioso de domínio, controle, exploração e medo, expressado pela violência, simbólica ou física, naturalizado pela diferença entre os gêneros, conferindo assim, superioridade masculina (CHEIM, 2019).

Tal superioridade masculina é difundida em nossa sociedade desde cedo, quando as pessoas ainda são crianças. Ao fazer um movimento de digressão, voltando à infância, é comum momentos em que docentes nas instituições de ensino organizam e ditam normas para meninos e meninas. Essa forma de conduzir a sociedade é bastante prejudicial, sobretudo porque acaba contribuindo para a geração de violência a partir do momento em que se estabelece que o homem é superior e a mulher é inferior. Essa Educação faz com que as pessoas aprendam que ao “[...] homens ficam atribuídas as características de força, virilidade, posse e autoridade e à mulher: emoção, passividade, fragilidade e submissão” (BALBINOTTI, 2018, p. 260).

Assim, é fundamental que o poder público organize políticas públicas de discussão sobre as questões de gênero nas escolas, buscando criar o pensamento crítico desde cedo para que haja a equidade entre os gêneros, de modo que a violência contra as mulheres seja uma pauta vencida.

O perfil das estudantes da EJA, vítimas de violência doméstica no município de Manaus/AM

Para compreender o perfil das estudantes da EJA, vítimas de violência doméstica, no município de Manaus/AM, torna-se necessário conhecer sua história, sua cultura e seus costumes, de modo a entendê-las primeiramente como sujeitos de direitos, com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastaram-se da escola por problemas sociais, econômicos, políticos ou culturais. São sujeitos que possuem identidades e marcas de classe,

raça, gênero, sexualidade, geração, que sofreram ou sofrem processos de exclusão.

Os dados demográficos e socioeconômicos das estudantes de EJA da Rede Pública Municipal de Ensino de Manaus/AM, coletados durante a pesquisa, demonstram que 42% pertencem a faixa etária de 15 a 17 anos; 19% possuem de 18 a 27 anos e 39% possuem de 28 a 51 anos. Em relação à cor/raça, 79% das estudantes se declaram como pretas/pardas; 6% se declaram como brancas; e, 15% optaram em não responder à pergunta.

Este cenário municipal reflete uma realidade nacional, segundo dados do Censo Escolar da Educação Básica – 2022, esta modalidade de ensino é composta, predominantemente, por estudantes com menos de 30 anos, que representa 50,3% das matrículas. Quanto à cor/raça, 77,5% dos/as estudantes da EJA de nível fundamental identificam-se como pretos/as ou pardos/as (BRASIL, 2023). Deste modo, observa-se um rejuvenescimento desta modalidade de ensino, resultado da fragilidade de políticas públicas educacionais e de uma estrutura escolar que ao invés de incluir, excluem aqueles/as que estão em seu interior.

Em se tratando, da renda familiar, 79% das estudantes vivem com até um salário mínimo, o que pode contribuir para a permanência no ciclo vicioso da violência. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, as mulheres que estão na faixa salarial de até 1 salário mínimo são as que possuem as maiores incidências de agressões físicas, em especial as mulheres negras (BRASIL, 2012).

As estatísticas apresentadas confirmam que historicamente os sujeitos da EJA são na maior parte mulheres, pobres, pretas ou pardas, que convivem no limite da sobrevivência, pois muitas vezes, encontram-se desempregadas ou vivendo da economia informal. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizadas nas esferas socioeconômicas e educacionais, privadas do acesso à cultura letrada, aos bens culturais e sociais, comprometendo assim, uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura.

Reflexões acerca das representações sociais das estudantes da EJA em relação à violência contra as mulheres e o protagonismo das vítimas diante deste fenômeno social

As representações sociais da violência contra as mulheres foram construídas a partir de diferentes olhares e universos simbólicos das estudantes de EJA do município de Manaus/AM. Os resultados demonstram que estas alunas são vítimas de cinco tipos de violência (moral, física, patrimonial, sexual e psicológica). Ainda, no *ranking* lideram: a violência moral, com 31%; a violência psicológica, com 30%; e, a violência física com 26%.

As narrativas das entrevistas, transmitem as feridas interiores ainda não cicatrizadas, fruto de uma “[...] teia de conexão entre relações de poder e dominação, nas quais os homens

estabelecem sua hegemonia por meio da violência” (CHEIM, 2019, p. 98). Ao falar com as vítimas sobre violência doméstica, as três palavras mais afluídas durante a entrevista foram: morte (11 vezes), medo (09 vezes) e ameaça (06 vezes). Nesta perspectiva, *Aegiphila*, de 48 anos, estudante de uma escola municipal, da DDZ Leste 1, colabora ao afirmar que “[...] a violência acontece dentro de casa e muitas vezes não temos coragem de reagir, de ir na justiça denunciar, procurar os meios para viver e sair dessa situação”.

Neste sentido, a narrativa da estudante demonstra a sensação de incapacidade de agir para romper com a relação violenta. Quando questionadas sobre os motivos que levam uma mulher a permanecer num relacionamento violento, 39% das estudantes responderam o medo; 29% a dependência econômica; 19% os/as filhos/as; 7% o amor e 6% a insegurança. O sentimento de medo é exteriorizado no relato da estudante *Bauhinia*, de 23 anos “[...] ele fazia muita coisa comigo, me agredia por causa de ciúme, dava porrada mesmo. Não cheguei a denunciar meu companheiro, porque o medo era grande”.

Em relação à dependência econômica, os relatos revelam que muitas mulheres não denunciam as agressões, pois dependem economicamente dos companheiros. Outras estudantes citaram os/as filhos/as como um dos fatores que também contribuem para o silenciamento da violência doméstica.

No que tange aos tipos de violência, emergiram nos discursos, as violências físicas com 93%; a violência psicológica, com 6%; e, a violência moral, com 1%. Os discursos expressam uma gama de sentimentos negativos, como medo, dor, angústia, raiva e decepção, demonstrando um intenso sofrimento das vítimas. Contudo, observa-se nestas mulheres, comportamentos de passividade e silêncio. Assim sendo, 68% das estudantes vítimas de violência doméstica no município de Manaus/AM, mantiveram-se silenciadas, envoltas em suas dores, sofrimentos, hematomas no corpo e na alma.

Todavia, é oportuno destacar que, embora com menor frequência, um comportamento de posicionamento emergiu das narrativas das estudantes, apontando ações que exprimem o objetivo de colocar fim ao processo violento em que vivem. Desta forma, do universo de 31 (trinta e uma) mulheres vítimas de violência doméstica, 32% denunciaram as agressões em Delegacias da Polícia Civil do Estado do Amazonas.

A estudante *Policourea*, de 40 anos, relata seu sofrimento e a coragem de romper o ciclo da violência, denunciando seu agressor “[...] Fui espancada várias vezes, ele quebrou o meu nariz. Ele me batia e espancava meu filho. Então, resolvi largá-lo e fui até a delegacia denunciá-lo”. A estudante *Peltogyne*, 43 anos, também conseguiu romper as amarras da violência “[...] meu ex-marido puxou meu cabelo, me empurrou, em seguida começou a chutar na minha barriga e socar minha cara. Quando vi meu rosto coberto de sangue, todo quebrado, criei coragem e fui até a Delegacia da Mulher denunciar ele”.

Os relatos demonstram que o processo de denúncia, para as estudantes da EJA, vítimas de violência doméstica, representa uma forma de tornarem-se protagonistas da sua

própria vida, interrompendo o ciclo da violência. Assim, ao se sentirem capazes de transformar a realidade, muitas vezes vivida por anos, modificam a autopercepção e autoestima, passando a experimentar o sentimento de uma vida mais digna.

Considerações finais

Durante as entrevistas observou-se que os sentimentos de medo, angústia, decepção e sofrimento caminham cotidianamente com as estudantes da EJA, estando atrelados à dimensão simbólica presente nas relações de poder. No sentido de validar a hierarquia masculina, a violência sexual se faz presente no relacionamento conjugal de 8 (oito) participantes do estudo, transformando a cama num campo de conflitos e humilhações.

Destaca-se que algumas entrevistadas se mantêm silenciadas por causa da dependência econômica e afetiva de seus companheiros. Outras, tornaram-se protagonistas, ao denunciar seus agressores, rompendo com o ciclo da violência doméstica, neste sentido, o apoio de familiares e amigos/as foram essenciais.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Secretaria de Segurança Pública. **Dados da violência contra a mulher**. Manaus: SSP, 2023.

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da ESMESC**, v. 25, n. 31, p. 239-264, 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2022: Resumo Técnico**. Brasília: INEP, 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Brasília: Casa Civil, 2006.

CHEIM, Érika Oliveira Amorim. 2019. 203 f. **Mulher e patriarcado: violência de gênero contra a mulher em Carangola – MG (2006 – 2018)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: um perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

